

Revista de Literatura,  
História e Memória



Seção:

Pesquisa em Letras no contexto Latino-  
americano e Literatura, Ensino e Cultura

ISSN 1983-1498

v. 18 – n. 31 – 2022

UNIOESTE / CASCAVEL - p. 390-402

AS MEMÓRIAS DE UMA MESTIZA EM  
*BORDERLANDS/LA FRONTERA*

Las memorias de una mestiza en *Borderlands/La  
Frontera*

Ana Carolina Martins dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo busca investigar a relação entre língua e memória na (re)construção da identidade do sujeito transfronteiriço a partir de uma análise comparatista crítica da obra *Borderlands/La frontera: La nueva mestiza* (2016) de Gloria Anzaldúa. Interessa discutir de que modo a memória se constitui como elemento basilar na (re)construção identitária, frente a uma realidade entre línguas/mundos, em uma obra translíngua. A respeito do conceito de translíngüismo, são utilizadas as considerações teóricas de Megale Siano e Esteves de Camargo (2015), Pratt (2011) e González Palmero (2019). Com relação às ponderações teóricas

sobre memória e identidade, estão as discussões e análises de Assmann (2011), Candau (2011) e Ricoeur (2007). Desse modo, pretende-se compreender a relação que se estabelece entre língua-memória na constituição da identidade desse sujeito transfronteiriço.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua; Memória; Identidade.

**ABSTRACT:** Este trabajo pretende investigar la relación entre lengua y memoria en la (re)construcción de la identidad del sujeto transfronterizo a partir de un análisis crítico comparativo de la obra *Borderlands/La frontera: La nueva mestiza* (2016) de Gloria Anzaldúa. Interesa discutir cómo se constituye la memoria como elemento básico en la (re)construcción de la identidad, frente a una realidad entre lenguas/mundos, en una obra translíngüística. En cuanto al concepto de translíngüismo, se utilizan las consideraciones teóricas de Megale Siano y Esteves de Camargo (2015), Pratt (2011) y González Palmero (2019). En cuanto a las consideraciones teóricas sobre la memoria e identidad, están las discusiones y análisis de Assmann (2011), Candau (2011) y Ricoeur (2007). De este modo, se pretende comprender la relación que se establece entre lengua-memoria en la constitución identitaria de este sujeto transfronterizo.

**KEYWORDS:** Lengua; Memoria; Identidad.

## INTRODUÇÃO

Otmar Ette (2016, p. 195) afirma: “acredito que não existe caminho melhor ou mais complexo de acesso a uma comunidade, a uma sociedade, a uma cultura do que a literatura”. Em concordância com essa perspectiva busco, neste artigo, através do literário, refletir de qual(is) modo(s) se estabelece uma relação entre língua, memória e identidade na representação do sujeito transfronteiriço na obra *Borderlands/La frontera: La nueva mestiza* (2016), de Gloria

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Membro do Grupo de Pesquisa: Gênero e Poder na América Latina e Caribe (GEPALC). Licenciada em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista CAPES. E-mail: anacms.96@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8083824788666697>.

Anzaldúa. Para tanto, um conceito que me interessa explorar é o de língua como estabilizador da memória, que provém de considerações propostas por Aleida Assmann (2011). Sobre outras contribuições acerca dos temas memória e identidade, pretendo conduzir o trabalho a partir de referenciais teóricos como Joël Candau (2011) e Paul Ricoeur (2007). A respeito do tópico linguístico compartilho dos estudos de Megale Siano e Esteves de Camargo (2015) e González Palmero (2019), uma vez que tenciono o conceito de língua a partir das vivências fronteiriças, descritas na obra em questão, que se conectam através de um “processo dinâmico de trocas culturais que, pelo seu caráter híbrido, não se encontra circunscrita a fronteiras étnicas ou nacionais” (GONZÁLEZ PALMERO, 2019, p. 99). E como esse processo também avança para trocas linguísticas, situo a obra analisada a seguir, no campo das poéticas translíngues, já que transita pelo inglês, espanhol e náhuatl<sup>2</sup> (além das variedades dessas línguas).

*Borderlands/La Frontera* (publicado pela primeira vez em 1987) é um livro consagrado pela crítica propondo uma reflexão sobre diversas questões sociais relacionadas à fronteira, sem limitar-se aos seus aspectos territoriais, além de desafiar toda uma tradição hegemônica de poder; não só literária, mas cultural, política e linguística. A obra foi escrita por Gloria Evangelina Anzaldúa, uma escritora chicana que nasceu no estado do Vale do Rio Grande, a poucos quilômetros da fronteira entre México e Estados Unidos. Todo o livro está estruturado em ocorrências autobiográficas apresentando ficcionalmente experiências conflituosas da mulher chicana num contexto opressivo, racista e sexista. Seus conceitos e propostas, que são desenvolvidas entre diferentes gêneros literários dentro da mesma obra, baseiam-se na construção de uma resistência que se opõe a uma realidade produzida e sistematizada em dicotomias convencionalizadas, que são vigentes tanto na própria comunidade chicana como na sociedade estadunidense.

Cada parágrafo da obra é construído e atravessado por temas fronteiriços, étnicos, culturais, linguísticos e de gêneros, que refletem questões vinculadas ao seu modo de pensar o mundo e à sua vida. Uma frase que pode resumir a concepção do livro é a de que a autora ousou “escribir sobre la vida en la frontera, sobre la vida en las sombras.” (ANZALDÚA, 2016, p. 36). E já estabeleço aqui, um paralelo com Giorgio Agamben (2009, p. 63), que afirma: “Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente”. Não só o que escreve como o que lê, por isso como leitores observemos fixamente o nosso tempo para além das luzes, percebendo então o escuro, as trevas e as sombras.

---

<sup>2</sup> O náhuatl é uma língua de origem asteca, falada principalmente por indígenas nahuas, no México, e em alguns países na América Central, como Nicarágua, Guatemala, El Salvador e Honduras.

Diante de uma conjuntura de silenciamento, temos a afirmação “Soy una mujer de frontera” (2016, p. 35) e, ao longo do texto, percebemos a desconstrução não só do discurso anglo-americano a respeito da significação do sujeito que vive essa/nessa fronteira – principalmente a mulher –, mas também a luta pelo feminismo da diferença dentro da sua própria comunidade. Então, de que modo a memória opera nesse contexto de constante trânsito? Como a sua língua *mestiza*, sendo um ato político, reivindica memórias que a constituem enquanto sujeito transfronteiriço? Não há certo ou errado, mas o objetivo deste artigo é destrinchar as possibilidades interpretativas dos questionamentos anteriormente postos.

### QUANDO O *TRANS* ATRAVESSA A FRONTEIRA, O SUJEITO E A LÍNGUA

Viver a/na fronteira é viver em um entremeio discursivo, cultural e identitário, caracterizado pelas especificidades que marcam esse lugar. A partir desse contato, entendo a fronteira como um espaço que divide, mas também une. Por esse motivo, recorro à presença do prefixo ‘trans’, por remeter à realidade contínua de trânsito dos sujeitos oriundos desses espaços, já que, apesar de existir uma legislação que os identifique como natural de um lugar específico, de acordo com o lado em que tenham nascido, o termo transfronteiriço vai muito além e alude ao modo de sentir e ser desses sujeitos. Quando se trata desse choque entre mundos, culturas e línguas os processos sincréticos são constantes e comuns aos transfronteiriços. Portanto, levando em consideração essa concepção, o prefixo ‘trans’ também se aplica a uma perspectiva de práticas linguísticas.

Portanto, ao situar a obra em questão no campo das poéticas translíngues, mediante o proposto por Megale Siano e Esteves de Camargo (2015), entendo o translanguismo como uma perspectiva de práticas linguísticas que engloba a dinâmica das interações entre línguas e comunidades, em vez de concebê-las como sistemas independentes e separados. O prefixo “trans”, portanto, está para desconstruir a linearidade e o binarismo vigente no bilinguismo e, ainda, no multilinguismo (SIANO *apud* SOUZA, 2018). Entretanto, não há um único modo de expressão do translanguismo, pois conforme aponta González Palmero (2019, p. 103), “é possível pensar em graus de encontro de línguas em um único texto. Esse leque pode ir da escrita que alterna duas línguas bem delimitadas [...] à gradual integração de línguas”.

Fechando mais o escopo e detendo-me mais especificamente ao contexto da obra a ser analisada, não é recente a informação de que os Estados Unidos recebem um grande número não só de latino-americanos, mas de outros grupos que migram em busca de uma melhor qualidade de vida. Contudo, como afirma Pratt (2014, p. 243) “Nada podría parecer más

evidente y natural que el hecho de que cuando las personas se mudan, su lenguaje se muda con ellas”. Ou ainda, o fato de o país concentrar um grande número de falantes de espanhol, “a pesar de las políticas monolingües, el español es ahora el segundo idioma de facto” (p. 242). Nesse sentido, ao pensar em uma literatura atravessada pelo translinguismo, surgem questões que refletem fenômenos sociais e culturais do mundo contemporâneo. Sem deixar de fora, obviamente, a questão da identidade, que, neste caso, pode ser entendida como um mosaico com variadas possibilidades de encaixes que nunca se esgotam nem se completam plenamente, e tampouco necessitam desse *status* de plenitude para (sobre)viver.

Desse modo, a língua dos sujeitos transfronteiriços – neste caso o *spanglish* – não é só mera forma de expressão oral na(s) fronteira(s). À medida que funciona enunciativamente em convívio com a língua nacional dominante, ele também se configura como uma via de processos de formação e legitimação identitária convergindo em um fluxo contínuo de transformação do Ser. Há de se ressaltar também que, enquanto registro literário dessas práticas linguísticas, sociais e culturais, essa literatura é transpassada por memórias que são como peças marcadas pela subjetividade, que auxiliam na compreensão desse sujeito ficcional. Em termo de exemplo para compreender a comunidade de origem desse sujeito retratado na obra em questão, está a fronteira mexicana-estadunidense localizada, especificamente, no sul do estado do Texas com o norte do México. Apesar de ser um espaço de enunciação do *spanglish*, este não é o único, já que a zona fronteira se estende para o interior do país, de forma indiscriminada, à medida que os sujeitos transfronteiriços migram e fixam moradia nos Estados Unidos. Assim, a noção de fronteira a qual quero pôr em evidência transpassa limites geográficos, avançando para os extremos simbólicos, culturais e linguísticos.

Se observarmos historicamente, perceberemos que a língua muitas vezes foi um instrumento utilizado pelos estados nacionais com o fim de constituir identidades que fossem delimitadas através de marcos fronteiriços previamente estabelecidos. Logo, institucionaliza-se a ideia de vínculo identitário a uma determinada nação enquanto característica intrínseca ao indivíduo. Entretanto, como afirma Stuart Hall (2006), tais identidades:

não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial [...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. (HALL, 2006, pp. 47-48)

Desse modo, a fronteira, muito mais que apresentar peculiaridades de um território físico, proporciona também, em si, um valor simbólico e afetivo que dá a conhecer a forma

como os sujeitos transfronteiriços constroem as suas identidades. Logo, dispor de uma identidade não revela somente um traço histórico e pontual referindo-se a um lugar de nascimento, de nacionalidade; pelo contrário, traz consigo significados e memórias que esses sujeitos buscam representar nas suas mais variadas manifestações artístico-culturais, inclusive na literatura. Por essa razão, reforço a minha posição de que não há como pensar o *spanglish* somente como expressão oral da(s)/na(s) fronteira(s); mas também como um meio em que se (re)conhece o Outro e a si, através da representatividade presente na língua desses sujeitos que vivem a/na resistência e reinvenção pessoal.

Segundo Canagarajah (2013), há uma língua que pertence exclusivamente a uma comunidade de fala, definindo assim a identidade desses falantes. Essa língua, no entanto, enraíza a pessoa à sua comunidade e lugar, transformando-a em autoridade dessa mesma língua. Todavia, se assumimos que somos autoridades da língua e ela nos define, podemos pensar em que medida o lugar da comunidade de fala – neste caso, a fronteira – define esses sujeitos transfronteiriços. Nessa perspectiva, aqueles que transitam por mais de uma língua e trazem consigo referências de mais de um lugar de origem devem ter o direito de ser autoridade dessas línguas que possuem, no sentido de poderem enunciá-las e por elas se expressarem.

## **DUAS FACES DA MESMA MOEDA: MEMÓRIA & IDENTIDADE**

Como já citado anteriormente, me faço valer também das contribuições de Joël Candau em *Memória e Identidade* (2011), um ensaio em que o autor expõe algumas das suas contribuições sobre o diálogo entre esses dois temas: memória e identidade. Já no preâmbulo de seu livro, o autor afirma:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento. (CANDAU, 2011, p. 16)

Inclino meu olhar, especificamente, a partir do que essa dialética pode produzir. Para tanto, me interessa estabelecer correlações literárias com as reflexões abordadas por Candau por meio da análise da obra *Borderlands/La frontera: La nueva mestiza* (2016).

Há muito para explorar nas discussões levantadas por Candau. No entanto, devido a delimitação do artigo, pretendo abordar os pontos que julgo ser mais interessantes para a análise que desenvolvo neste trabalho. Assim, partindo do pressuposto de que “Sem lembranças, o

sujeito é aniquilado” (2011, p. 17), Candau discute analogias entre o indivíduo e o grupo social no qual está inserido, contestando as concepções estanques e totalizantes a propósito da memória e identidade coletiva, para tanto, atribui três classificações. A primeira recebe o nome de “memória de baixo nível”, fazendo referência ao conhecimento e às experiências compartilhadas entre os indivíduos que formam parte de um grupo social específico. Logo, quando nos deparamos com a obra de Anzaldúa nos são apresentadas experiências de chicanas atravessadas pelo patriarcalismo, pelo controle baseado no machismo e sexismo. Como a autora expressa por meio de uma recordação:

¿Cuántas veces he oído a madres y suegras decirles a sus hijos que golpeen a su esposa por no obedecerlos, por ser *hociconas*, por ser *callejeras* (por ir a ver las vecinas y chismorrear con ellas), por esperar que sus maridos ayuden con las tareas de la casa y con la crianza de los niños, por querer ser algo más que amas de casa? [...] Si una mujer se rebela, es una *mujer mala*. (ANZALDÚA, 2016, p. 57)

A segunda classificação tem por nome “memória de alto nível”, aquela que abarca vivências e lembranças autobiográficas, podendo também remeter a crenças, sensações, sentimentos, etc. Outro paralelo em relação a *Borderlands/La Frontera* desponta na citação a seguir: “Me acuerdo de que me pillaron hablando español en el recreo –lo que me valió tres golpes en los nudillos con una dura regla–.” (p. 103). Por último, está a “metamemória” que designa o modo como cada indivíduo representa sua própria memória, como um constante retorno ao passado, contribuindo para a construção da identidade. Quanto a isso, na obra analisada percebemos como a figura de *Coatlicue*, a deusa asteca da vida, da morte e do renascimento, está presente tanto nas memórias como na identidade dessas chicanas. Segundo a autora, alcançar o estado de *Coatlicue* é indispensável para o crescimento pessoal, pois permite que a mente se descolonize.

Yo tenía dos o tres años la primera vez que *Coatlicue* visitó mi psique, la primera vez que me «devoró» (y que «caí» en el inframundo). Por la mirada preocupada de mis padres, me di cuenta enseguida de que a mí me pasaba algo terriblemente malo. Mientras me hacía mayor, solía mirarme en el espejo, temerosa de *mi terrible secreto*, que intentaba ocultar –la seña, la marca de la Bestia. (ANZALDÚA, 2016, p. 91, grifos da autora)

O trecho anterior é um bom exemplo de metamemória, uma representação mais metafórica e que constantemente volta ao passado, já que a comunidade chicana institui esse eterno vínculo com *Coatlicue*, rememorando suas intervenções tanto nos tempos de origem do

povo chicano, como sua simbologia atual para os chicanos que ficam e os que atravessam a fronteira. Segundo Patrícia Lobo (2015), o discurso associado à fronteira territorial em *Borderlands/La frontera* passa a ser tratado como *locus* metafórico resultando na (re)construção da identidade chicana, fruto do processo de uma convergência entre estadunidenses e mexicanos. Sobre essa correlação entre identidade e memória, Candau (2011), elabora a primeira como um todo cheio de significados, materializada na fala, desejo e lembrança, regulada pela rememoração e contexto de determinado evento. Esses processos se dão de maneira coletiva quando surgem do cruzamento de imagem e linguagem, permitindo, assim, a manutenção de memórias fortes que resultam em marcas identitárias reforçando sentimentos de origem, pertencimento e história.

Com relação a isso, não há como não mencionar *Aztlán*, a terra mítica dos chicanos, que evoca um leque de símbolos e imagens, representa um novo espaço configurado geoculturalmente, longe de opressões estadunidenses e mexicanas, mas que se mantém ligado a ambas as nações, pois:

Por cada *conquistador* sediento de oro y por cada misionero sediento de almas que vino hacia el norte desde México, vinieron con ellos entre diez y veinte indios y *mestizos* [...] Para los indios, esto constituía un retorno al lugar de origen, Aztlán, lo que hace con que los Chicanos sean la población originaria (ANZALDÚA, 2016, p. 45, grifos da autora)

### ***LAS MEMORIAS ATRAVESADAS POR LA LENGUA***

Já no primeiro capítulo da obra *Borderlands/La frontera* nos é apresentada uma revisão histórica da invasão espanhola no território mexicano, lançando mão de muitas memórias – coletivas e individuais – e, logo, um encaminhamento para as consequências discriminatórias dessas tensões que recaíram/recaem sobre a vida de mexicanos/as e chicanos/as nos Estados Unidos, sobretudo, da mulher e a vivência tanto dentro como fora da sua comunidade. Essa é uma narrativa tanto de um *eu* como de um *nós*, uma vez que os conflitos expostos também se estendem a comunidade chicana, ajudando a construir uma memória coletiva.

Minha intenção é analisar o elo língua-memória como um espaço importante nesse processo. Sobre o tema, Assmann alude às concepções do etnólogo Pierre Clastres (1976, p. 175, apud ASSMANN, 2011, p. 264) quem afirma que “as marcas impedem o esquecimento, o próprio corpo traz em si as marcas da memória, o corpo é a memória.”. No trecho citado é evidente como a língua ocupa essa relação com a memória. À medida que o sujeito transfronteiriço constantemente se comunica/faz uso da sua língua, carrega consigo as muitas

marcas que lhes são imputadas e atribuídas, como por exemplo, de “inadequação”, “inferioridade” e opressão; mais ainda se são produtos de um conflito que as antecede. Como afirma a autora: “La frontera entre Estados Unidos y México es *una herida abierta* donde el Tercer Mundo se araña contra el primero y sangra. Y antes que se forme costra, vuelve la hemorragia” (ANZALDÚA, 2016, p. 42).

Essa é uma ferida histórica e cultural – com as suas múltiplas consequências – que ainda hoje sangra. Segundo Nietzsche (2009, p. 50) “apenas o que não cessa de *causar dor* fica na memória”. A respeito disso, a obra de Anzaldúa é repleta de memórias atravessadas pela dor como, por exemplo, no início do seu quinto capítulo *Cómo domar una lengua salvaje*, em que relata o uso da língua enquanto fonte de segregação dentro do espaço escolar americano:

Me acuerdo que me enviaron al rincón por «contestar» a la maestra angla cuando todo lo que intentaba hacer era enseñarle a pronunciar mi nombre. «Si quieres ser Americana, habla inglés. Si no te gusta, vuélvete a México, donde te corresponde». (ANZALDÚA, 2016, p. 103)

Paul Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento*, afirma: “se uma lembrança volta, é porque eu a perderei; mas se, apesar disso, eu a reencontro e reconheço, é que sua imagem sobrevivera” (2007, p. 438). Por esse motivo, o sujeito poético registra a imagem dessas lembranças, pois assim sobreviverão e, nesse contexto, são vivências opressoras. O espaço escolar se torna um lugar em que as crianças chicanas têm de aprender forçosa e obrigatoriamente a adaptar-se e submeter-se a um novo modelo cultural e linguístico, que influencia na construção da sua identidade, nas suas relações com as suas origens e com o Outro. A escola como instituição, na figura da professora, além de forçar o uso da língua inglesa, ressalta que a única possibilidade de “ser americana” é negando suas raízes linguísticas e culturais (além de reproduzir o pensamento hegemônico que ser a/da América é ser estadunidense, negando a existência do restante do continente), e o faz não só por meio da sua representação como uma autoridade institucional, mas, também, pelo uso da força física como uma atitude coercitiva.

Segundo Assmann (2011, p. 168), “A língua é o estabilizador mais poderoso das recordações. É muito mais fácil lembrar-se de algo que tenha sido verbalizado do que de algo que nunca tenha sido formulado na linguagem natural”. Considerando que a situação humilhante pela qual a professora expôs esse sujeito poético, se deu através da língua – expressão verbal – e que o motivo para tal, também foi a língua – idioma –, há então uma dupla carga que potencializa a força memorativa desse sujeito. Com relação ao tema, Nietzsche



(2009) argumenta que a consciência da moral se relaciona com uma memória da vontade que não registra experiências biográficas, mas sim escritas culturais ligadas a instituições de poder e violência e ainda considera “como inscrições culturais do corpo as agências de socialização e os institutos da disciplina e da punição, para os quais importa inculcar nas pessoas determinados valores e normas de convívio” (p. 264). E não estaria a escola, nesse contexto, assumindo a posição de uma dessas agências e institutos?

Não cabe dúvidas de que esse posicionamento gera consequências que vão de encontro com a afirmação identitária desse sujeito, tanto no contexto da comunidade chicana como no da sociedade estadunidense. A respeito disso, temos um trecho que dialoga muito nesse sentido:

Acercarse a otra Chicana es como mirarse en un espejo. Nos da miedo lo que podamos ver en él. *Pena*. Vergüenza. Baja autoestima. Se nos dicen en la infancia que nuestra lengua es incorrecta. Los ataques repetidos contra nuestra lengua nativa debilitan nuestro sentido de nosotras mismas. Los ataques continúan a lo largo de nuestra vida. (ANZALDÚA, 2016, p. 110, grifo da autora)

O trecho anterior não se trata de uma experiência única, mas alcança a realidade de muitas outras chicanas. A repressão e a opressão linguística são tão fortes que chegam a deturpar a imagem criada, entre elas, de si mesmas: “Nos oprimimos la una a la otra tratando de ser más Chicanas que nadie, luchando por ser las «verdaderas» meras Chicanas, hablando como hablan las personas Chicanas.” (ANZALDÚA, 2016, p. 110). Entretanto, só temos acesso a essas memórias relatadas porque estão registradas e isso nos conduz diretamente à antiga relação existente entre memória e escrita. Esse tema é tão valioso que Assmann dedica um capítulo inteiro para discorrer sobre esse vínculo. No seu capítulo *Escrita*, ao refutar Platão – e isso significa ir em direção oposta ao que na sociedade ocidental está constituído como pilar fundador – a autora afirma que o ato de escrever é tão análogo à memória, que chega a ser considerado a sua metáfora mais importante e o concebe como *medium*, de modo a eternizar e servir de suporte à memória. Para Assmann (2011, p. 195), “a escrita é uma das armas mais eficientes contra a segunda morte social, o esquecimento”.

Desse modo, a autora traz para a cena o livro como objeto, e ao explorá-lo, explica que diante desse processo ele se torna um instrumento, externalizando tudo o que está oculto, desvendando e tornando acessível e, logo, nos lembra que “O procedimento da anotação e da inscrição é a mais antiga e, através da longa história das mídias, ainda hoje a mais atual metáfora da memória” (p. 199). De modo semelhante, Anzaldúa também expõe na sua obra o elo entre memória-escrita quando dedica todo o capítulo 6 *Tlilli, Tlapalli / El sendero de la tinta roja y*

*negra* ao tema:

escribir evoca imágenes de mi inconsciente y dado que algunas de esas imágenes son residuos de un trauma que luego tengo que ir a reconstruir, a veces me pongo enferma cuando escribo. No puedo tolerarlo, me dan náuseas, ardo de fiebre, me pongo peor. Pero al reconstruir los traumas que están detrás de las imágenes, les encuentro el «sentido» y una vez que tienen «significado», cambian, se transforman. Es entonces cuando escribir me sana, cuando me aporta gran alegría. (ANZALDÚA, 2016, p. 124)

Existe um diálogo muito interessante que podemos estabelecer entre esse trecho e as considerações propostas por Assmann. No livro *Espaços de recordação*, há uma seção dedicada à imagem e, segundo a autora, “imagens surgem na memória sobretudo em regiões não alcançadas pelo processamento verbal. Isso vale principalmente para experiências traumáticas e pré-conscientes.” (ASSMANN, 2011, p. 237). Exatamente o descrito por Anzaldúa, que até trazer à tona, por meio da escrita, suas dores e mágoas presas na memória e no inconsciente, não consegue se liberar totalmente, mesmo que durante o processo haja sofrimento ou, inclusive, a priori, uma negação.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS – *NEITHER ESPAÑOL NI INGLÉS, BUT BOTH*

O uso de diferentes línguas e suas variedades em *Borderlands/La Frontera* reflete ao leitor o próprio conteúdo do texto, com o fim de corroborar com a ideia de que as fronteiras linguísticas podem e são comumente transpassadas e como a memória – coletiva e individual – atravessa e conecta a(s) língua(s). O emprego linguístico dos chicanos pode ser interpretado de distintos modos: como um ato consciente, uma forma de resistência à assimilação cultural dominante, uma afirmação identitária e etc. Entretanto, posso estabelecer um vínculo que está presente em qualquer desses motivos, a memória. A dupla entidade língua-memória faz parte de nós, já que por meio dela podemos evocar lembranças, (re)viver o passado ou esquecê-lo, tornando-o possível de ser dito ou não. Contudo, como a nossa conjuntura é a de mais de uma língua, há um conflito.

Ainda há uma controvérsia quanto ao tema da existência ou não do *spanglish*, visto que há uma oposição que insiste em argumentar que esse cruzamento linguístico ocasiona uma deturpação de regras fonéticas e morfossintáticas – tanto do inglês como do espanhol; um retardamento no processo de assimilação linguística e sociocultural de hispano-americanos; confusões linguísticas por parte das crianças na fase de aquisição da linguagem e o reforço discriminatório de uma minoria étnica. No entanto, o outro lado dessa situação não nega o

*spanGLISH* como um agente de união, de preservação cultural e identitária entre a sua comunidade, além de tê-lo como resultado da vivacidade de ambas línguas, enaltecendo a pluralidade sociolinguística.

Por esse motivo, inclusive, entendo que as escolhas linguísticas não se dão em vão, mas antes, são determinadas pela ligação estabelecida entre recordação e representação/sentido que certa palavra vigora. Quanto a isso, faz-se necessário ressaltar a origem da palavra ‘recordar’ que vem do latim *accordāre*, de *cor cordis* ‘coração’: passar de novo pelo coração. Esta, configura-se como uma habilidade de olhar para trás escolhendo posicionar-se precisamente diante das reminiscências que, constantemente, nos montam e desmontam. Nesse sentido, não há maneira mais explícita de expressá-lo como o faz Anzaldúa:

Así que, si de verdad quieres hacerme daño, habla mal de mi idioma. La identidad étnica es como una segunda piel de la identidad lingüística - **yo soy mi lengua** -. Hasta que pueda enorgullecerme de mi idioma, no puedo enorgullecerme de mí misma. [...] Hasta que sea libre de escribir en bilingüe y hasta que pueda saltar y cambiar de código sin tener que traducir todo el tiempo, mientras tenga que hablar *English or Spanish* cuando preferiría hablar *SpanGLISH*, y mientras tenga que adaptarme a los hablantes de inglés en vez de que se acomoden ellos a mí, mi lengua seguirá siendo ilegítima. [...] **Venceré la tradición del silencio.** (ANZALDÚA, 2016, p. 111, grifos meus)

Em relação ao trecho anterior, ressalto, em primeiro lugar: “yo soy mi lengua”. Aqui, a identidade étnica e a linguística se convergem, não há diferença, logo, podemos pensar: eu sou a minha língua, eu sou as minhas memórias, sou aquilo que eu lembro e esqueço, ou aquilo que eu quero/preciso lembrar e quero/preciso esquecer. Em seguida, sobre a convicção “venceré la tradición del silencio”, não há como deixar de relacioná-la com Walter Benjamin (1993), que propõe assertivamente que o nosso olhar se volte para o outro lado, já que quando o vencedor narra suas ações, conseqüentemente, o vencido é silenciado, perpetuando assim, uma hierarquização submissa. No entanto, Anzaldúa decide percorrer o caminho contrário no momento em que escreve e deixa registrado, a partir do contexto de ‘vencida’ que lhe assignaram, suas próprias memórias e, então, sair do silêncio. Todas as lembranças aqui discutidas e postas em análise passam pelo viés da língua, corroborando com a premissa de Assmann, de que a língua é o estabilizador mais poderoso da memória. No entanto, o que se pretende não é colocá-las em uma balança, mas sim, pensá-las juntas e as múltiplas possibilidades de sentidos e imagens que evocam e resgatam memórias desse eterno trânsito.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko, Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: La nueva mestiza**. Trad. Carmen Valle Simón, Madrid: Capitán Swing, 2016.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços de Recordação: Formas e transformações da memória cultural**. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**. Obras Escolhidas, v. 1,5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CANAGARAJAH, Surash. **Translingual practice: global Englishes and cosmopolitan relations**. Abingdon, Oxon: Routledge, 2013.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- GONZÁLEZ PALMERO, Elena. Escritas translíngues e comunidade literária hispano-americana. In: **Translinguismo e poéticas do contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed, Rio de Janeiro: SP&A, 2006.
- LOBO, Patrícia Alves de Carvalho. **Chicanas em busca de território: A herança de Gloria Anzaldúa**. 2015. 442 f. Tese (doutorado) - Universidade de Lisboa, Programa de Pós Graduação em Estudos de Literatura e Cultura, Lisboa, Portugal.
- MEGALE SIANO, Antonieta Heyden; ESTEVES DE CAMARGO, Helena Regina. Práticas translíngues: o repertório linguístico do sujeito bilíngue no século XXI. **Revista Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 9, n. 1, p. 04 – 18, jun. 2015. Disponível em: <http://www.lucianabrentano.com.br/wp-content/uploads/2019/12/1353-4485-2-PB-1.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PRATT, Mary Louise. *Lenguas viajeras: hacia una imaginación geolingüística*, 2014. **Cuadernos de Literatura**, Bogotá, vol. XVIII, n. 36, julio-diciembre, pp. 238-253. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=439843033017>. Acesso em: 19 set 2021.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SOUZA, Livia Santos de. **Extraterritorialidade e translinguismo na obra de Junot Díaz**. 2018. 169 p. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Rio de Janeiro, RJ.

*Recebido: 14/10/2021*  
*Aprovado: 15/06/2022*